

RELAÇÃO ENTRE EFICÁCIA DEFENSIVA E ELEMENTOS TÉCNICO-TÁTICOS DO HANDEBOL A PARTIR DOS DISCURSOS DE TREINADORES EXPERIENTES

RELATIONSHIP BETWEEN THE DEFENSIVE EFFICACY AND THE TECHNICAL-TACTICAL ELEMENTS OF HANDBALL FROM THE SPEECHES OF EXPERIENCED COACHES

Rafael Pombo Menezes^{*}
Heloisa Helena Baldy dos Reis^{**}

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi identificar os principais elementos técnico-táticos defensivos (individuais e coletivos) do handebol relacionados com a eficácia defensiva. Para isso, foram entrevistados quatro treinadores experientes (tempo médio de atuação de $23,5 \pm 7$ anos), com importante destaque no cenário nacional. A partir da aplicação de um instrumento de entrevista semiestruturada, foram coletados os discursos desses. Os discursos foram tabulados, analisados e interpretados de acordo com o método do Discurso do Sujeito Coletivo. Os elementos técnico-táticos defensivos individuais revelados pelos treinadores como relevantes para a eficácia defensiva foram: cobertura, marcação, flutuação, dissuasão, bloqueio e os deslocamentos velozes dos defensores. Já os elementos técnico-táticos defensivos coletivos apontados pelos treinadores foram: basculação, dobra, deslizamento, contrabloqueio e troca de marcação. Ambas as categorias de elementos sugerem, para os treinadores, a resolução de tarefas de forma específica, mantendo um balanço defensivo em profundidade e largura.

Palavras-chave: Pedagogia do esporte. Esportes coletivos. Handebol.

INTRODUÇÃO

Compreender a dinâmica do handebol enquanto esporte de invasão, cooperação e oposição não é uma tarefa simples como parece. Assim como nos demais jogos esportivos coletivos (JEC), o handebol apresenta um cenário técnico-tático extremamente complexo e dinâmico, principalmente devido às relações de oposição e cooperação entre os jogadores das equipes (GARGANTA, 1998; MENEZES; REIS, 2010).

As alterações no cenário técnico-tático do jogo ocorrem mediante os objetivos a serem alcançados simultaneamente pelos atacantes, com ações e combinações específicas, e pelos defensores que tentam impedir ou dificultar as estratégias ofensivas. Ao conjunto de procedimentos que permitem a organização estrutural ofensiva e defensiva, Bayer (1994)

denominou de princípios operacionais, subdivididos em ofensivos (manter a posse da bola, progredir em direção ao gol adversário e marcar o gol) e defensivos (recuperar a posse da bola, evitar a progressão adversária e proteger o gol).

Cada fase do jogo (ofensiva e defensiva) possui aspectos e elementos específicos, que definem as regras de ação dos jogadores de modo que permita à equipe almejar situações de superioridade numérica e/ou vantagem espacial. Para Bayer (1994) as regras de ação são as decisões tomadas pelos jogadores para contemplar os princípios operacionais do jogo, que demandam a execução de elementos técnicos e técnico-táticos para obter vantagens sobre a equipe adversária.

Os atacantes possuem vantagens iniciais sobre os defensores, determinadas pela posse da bola e pela possibilidade de planejamento prévio

* Doutor. Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, Brasil.

** Doutora. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, Brasil.

das ações (BAYER, 1987; BÁRCENAS GONZÁLEZ; ROMÁN SECO, 1991), ao passo que os defensores devem buscar uma leitura rápida da situação de jogo, na tentativa de anteciparem-se às ações dos adversários (GRECO, 2001). Para dificultarem o desenvolvimento das ações dos atacantes, os defensores são dispostos em um sistema, que prioriza a proteção de determinadas regiões da quadra em detrimento de outras. Esses sistemas defensivos podem ser classificados, basicamente, de três formas: individuais, zonais e mistos (ANTÓN GARCÍA, 2002; SIMÕES, 2002; MENEZES, 2011; ALMEIDA; DECHECHI, 2012).

Quando o treinador opta por sistemas defensivos zonais ou mistos há a designação para cada jogador de um posto específico (com exceção do(s) defensor(es) que executa(m) a marcação individual no sistema misto), setor esse que passa a ser de responsabilidade do defensor. Os defensores, portanto passam a utilizar diferentes elementos técnicos e técnico-táticos (individuais e coletivos), na tentativa de obter êxito em função do desenvolvimento das estratégias ofensivas. Desta maneira, entendemos como eficácia defensiva o conjunto de ações (individuais e coletivas) que objetivam o cumprimento dos princípios operacionais defensivos estabelecidos por Bayer (1994), de modo a impedir a conversão de gols dos adversários (BALZANO; LEITE; SANTOS, 2014) e a criação de incertezas para esses (MENEZES, 2012).

Baseando-se na vantagem que o atacante já apresenta em relação à iniciativa do jogo há, para os defensores, a necessidade (e obrigatoriedade) de uma resposta rápida em relação à ação dos atacantes. Tal resposta deve ser orientada de modo que aumente a dificuldade de serem superados, a partir da utilização de diferentes elementos técnicos e técnico-táticos que reduzam a eficácia ofensiva (BÁRCENAS GONZÁLEZ; ROMÁN SECO, 1991).

Para isso, os defensores devem integrar os mais diferentes elementos que constituem essa fase do jogo, que demanda do defensor um conhecimento dos diferentes níveis e possibilidades de agrupamento e dispersão, além de uma formação coletiva que tenha uma orientação baseada na ocupação dos espaços da quadra em profundidade e largura (ANTÓN

GARCÍA, 2002). É importante mencionar, para tanto, que os elementos técnico-táticos defensivos conferem aos sistemas defensivos um caráter dinâmico, que deve ser facilmente adaptável diante do desenvolvimento do jogo ofensivo.

Pautando-se no complexo cenário do jogo é importante identificar as ações defensivas relacionadas com a eficácia nessa fase do jogo de handebol, de maneira que possa fornecer subsídios para o treinamento de aspectos individuais e coletivos específicos. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa consiste em identificar, a partir dos discursos de treinadores experientes, os elementos defensivos individuais e coletivos relacionados com a eficácia defensiva de equipes de handebol.

METODOLOGIA

Quatro treinadores (S1, S2, S3 e S4) com média de idade de 46,3 (\pm 5,3) anos e com tempo médio de experiência no handebol de 23,5 (\pm 7) anos fizeram parte da amostra desta pesquisa. Foram adotados como critérios de inclusão: a participação como membro de comissão técnica da Seleção Brasileira feminina (nos últimos três ciclos Olímpicos) e/ou ter sido finalista de uma das competições nacionais promovidas pela Confederação Brasileira de Handebol (Liga Nacional ou Campeonato Brasileiro de Handebol, ambos no gênero feminino).

Na ocasião do desenvolvimento desta pesquisa havia um universo possível de oito treinadores, dos quais apenas quatro se dispuseram a participar. Todos os treinadores entrevistados assinaram previamente um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (parecer 094/2011), garantindo o sigilo das informações pessoais e o uso dos discursos para fins acadêmicos.

A ênfase dada nesta pesquisa aos elementos da experiência humana que se apresentam em dados de natureza descritiva (ELLIOTT; FISCHER; RENNIE, 1999) justifica seu caráter qualitativo. Aspectos como o contexto no qual se manifesta o conhecimento dos indivíduos, a atenção do pesquisador com os

significados atribuídos aos processos (e não produtos) e a análise indutiva dos dados também foram relevantes para tal escolha (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; TRIVIÑOS, 1987).

A entrevista é um importante meio de obtenção de dados nas pesquisas qualitativas (TRIVIÑOS, 1987), na qual se pretende buscar parâmetros relevantes do jogo, esse microsistema social dinâmico e complexo (GARGANTA, 1998) que não seriam revelados por pesquisas de caráter observacional ou bibliográfico (BONI; QUARESMA, 2005). Desta maneira, foi desenvolvido um instrumento de entrevista semiestruturada que permitisse revelar informações sobre o ambiente complexo de jogo, possibilitando a compreensão da interação entre as variáveis e os processos dinâmicos que ocorrem ao longo da partida, a partir das particularidades do comportamento dos indivíduos (RICHARDSON, 1999).

O roteiro das questões foi composto por duas perguntas (parte de um estudo mais amplo envolvendo a temática em questão, cujo tempo médio de duração das entrevistas foi de 42 minutos e 02 segundos), que permitiram mapear as variáveis referentes ao comportamento dos jogadores durante a fase defensiva, a saber: a) *“O que seus defensores devem fazer taticamente e individualmente para que a defesa seja eficaz?”*; e b) *“Quais as combinações / movimentações / ou meios táticos que você considera importantes para o bom desempenho do sistema defensivo?”*.

As entrevistas foram agendadas previamente e realizadas em ambientes e horários não relacionados com os treinamentos das equipes, de forma que não interrompessem a rotina de treinos (SANTANA, 2008). As entrevistas foram gravadas na íntegra e as transcrições foram iniciadas no mesmo dia da sua realização, de modo que o significado e o teor dos discursos, ainda latentes, fossem mantidos pelo pesquisador (OLIVER; SEROVICH; MASON, 2005).

Os discursos foram organizados, tabulados e interpretados a partir da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), amplamente empregada em diferentes áreas do conhecimento que se utilizam de pesquisa qualitativa (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003; SANTANA, 2008). Especificamente na área das Ciências do Esporte

esse método tem sido utilizado em entrevistas com diferentes protagonistas, tais como treinadores, atletas e dirigentes esportivos (SANTANA, 2008; MASSA et al., 2010; MENEZES, 2011; MARQUES et al., 2013, 2014; MENEZES; MORATO; REIS, no prelo).

Este método baseia-se em perguntas abertas de caráter discursivo para coletar informações referentes aos pensamentos e opiniões sobre um determinado assunto (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003). Dos discursos individuais analisados são extraídas algumas variáveis (ou figuras metodológicas), como as ideias centrais (IC; que representam uma descrição sucinta e fidedigna do sentido de um determinado discurso sobre uma temática) e as expressões-chave (transcrições literais de trechos do discurso, revelando a essência do depoimento) (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003).

No DSC há a agregação de trechos isolados dos discursos individuais produzidos a partir das informações coletadas, na qual se busca a expressão do pensamento de uma comunidade, mantendo a coerência e a constituição de cada uma das partes que o compõe. O DSC é composto pelas ECH que possuem a mesma IC, sendo o discurso-síntese redigido em primeira pessoa do singular para expressar um determinado pensar (SANTANA, 2008).

É importante ressaltar que alguns DSC foram construídos a partir do discurso de apenas um sujeito, situação na qual se buscou “[...] resgatar todas as ideias existentes e não apenas as que mais são presentes em um campo” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2012, p. 47), assim como adotado no estudo de Massa et al. (2010).

RESULTADOS

Ações táticas individuais e eficácia defensiva:

Os aspectos relacionados pelos treinadores envolvendo os elementos táticos individuais dos defensores referentes à eficácia defensiva estão apresentados no Quadro 1, com as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a identificação desses.

Quadro 1 - Ações táticas individuais esperadas dos defensores que garantam a eficácia defensiva (IC, N, Sujeitos).

	IC	N	Sujeitos
A	Realizar a cobertura	4	S1, S2, S3, S4
B	Realizar a marcação	3	S2, S3, S4
C	Realizar a flutuação	3	S1, S2, S4
D	Manutenção (permanência) do posto específico	3	S1, S2, S3
E	Deslocar-se rapidamente	2	S2, S4
F	Realizar a dissuasão	2	S2, S4
G	Realizar a troca de marcação	1	S1
H	Realizar a basculação	1	S1
I	Adaptação prévia e específica aos adversários	1	S3
J	Realizar o bloqueio defensivo	1	S4

Fonte: adaptada a partir da releitura dos discursos de Menezes (2011, p.199).

Desta forma, as dez IC captadas (IC-A, IC-B, IC-C, IC-D, IC-E, IC-F, IC-G, IC-H, IC-I e IC-J) e apresentadas no Quadro 1, permitiram a construção dos DSC1, DSC2, DSC3, DSC4, DSC5, DSC6, DSC7, DSC8, DSC9 e DSC10. A procedência das falas está representada de forma sobrescrita.

DSC1: IC-A – Realizar a cobertura (S1, S2, S3, S4):

Eu acho que a cobertura é uma coisa que não tem como ser ruim^{S1,S4}. A colaboração faz com que a gente tenha muita ajuda e coberturas^{S2,S4}, porém não dá para defender tudo se o jogador não defende por dentro, não defende por fora, nos dois. O segundo homem tem que saber quando ele vai ter apoio do primeiro homem e quando ele vai ter apoio do terceiro. Quando acontece isso eu posso esperar que venha ajuda^{S3}. A cobertura não deve ser de forma avançada, pois a probabilidade de sobrar jogador atrás é muito grande, então a cobertura tem que ser próxima da área^{S1}.

DSC2: IC-B– Realizar a marcação (S2, S3, S4):

Eu considero que as variáveis de iniciativa individual defensiva, como a própria marcação com as suas variações (com contato, por aproximação, por deslizamento, por observação), são importantes^{S4}, como o fato de ter um bom controle do adversário com e sem a bola, para que o defensor não excluído ou advertido^{S2}. A defesa tem

que pensar que não pode perder o 1x1, senão o jogo acaba com um passe só^{S3}.

DSC3: IC-C – Realizar a flutuação (S1, S2, S4):

A flutuação é um elemento importante porque dá um caráter agressivo à defesa^{S2}, inclusive na tentativa de antecipar as ações dos atacantes^{S4}. O defensor que flutua, e está avançado, deve marcar a linha de passe do atacante^{S1}.

DSC4: IC-D – Manutenção (permanência) do posto específico (S1, S2, S3):

Se cada jogador não cuidar de um raio de 2 metros a produção de espaço é muito grande, independente se é defesa avançada ou 6:0^{S1}. Compreender o jogo é primordial para porque o defensor vai ter sempre que guardar um raio próximo de 2m^{S1} e entender a responsabilidade por seu setor^{S1,S2}. Taticamente cada um deve saber que é responsável por isso, isso e isso. Isso é tática e técnica individualmente^{S3}.

DSC5: IC-E – Deslocar-se rapidamente (S2, S4):

O deslocamento em altas velocidades é um fator interessante^{S4} para a ocupação dos espaços da quadra. O jogador deve ter uma mobilidade de pernas tremenda, muita agilidade, muita prontidão e utilizar o mecanismo ântero-posterior, evitando de ficar com os pés paralelos^{S2}.

DSC6: IC-F – Realizar a dissuasão (S2, S4):

A dissuasão, enquanto elemento defensivo, também é importante, principalmente pela possibilidade de interceptar um passe^{S2,S4} a partir do ataque ao ímpar^{S2}.

DSC7: IC-G – Realizar a troca de marcação (S1):

Sabendo que o jogador tem que cuidar de um determinado raio, ele não deve ficar preso nos bloqueios ofensivos, mas fazer uma troca de marcação o mais rápido possível^{S1}.

DSC8: IC-H – Realizar a basculação (S1):

Acredito que quando a defesa está posicionada em um sistema 6:0 os jogadores devam se movimentar no sentido da bola^{S1}.

DSC9: IC-I – Adaptação prévia e específica aos adversários (S3):

Nós precisamos nos adaptar previamente aos adversários, porque já que vamos jogar contra esse cara aí, se você ficar baixo, vai acabar perdendo. Então vamos treinar como receber esse cara^{S3}.

DSC10: IC-J – Realizar o bloqueio defensivo (S4):

Quando meus defensores se posicionam no sistema 6:0, acredito que os bloqueios defensivos sejam importantes^{S4}.

Ações táticas coletivas e eficácia defensiva:

Os aspectos relacionados pelos treinadores envolvendo as combinações e movimentações (elementos coletivos) dos defensores referentes à eficácia defensiva estão apresentados no Quadro 2, com as IC identificadas, o número de sujeitos (N) e a identificação desses.

Quadro 2 - Combinações, movimentações e elementos técnico-táticos considerados importantes pelos treinadores para o bom desempenho do sistema defensivo (IC, N, Sujeitos).

	IC	N	Sujeitos
A	Realizar a cobertura	3	S1, S2, S4
B	Realizar a basculação	2	S1, S4
C	Priorizar regiões da quadra na especificidade dos sistemas	2	S1, S3
D	Realizar a marcação	1	S1
E	Realizar a dobra (ou dobragem)	1	S2
F	Realizar o deslizamento	1	S2
G	Realizar o contrabloqueio	1	S2
H	Variabilidade defensiva	1	S4
I	Realizar a troca de marcação	1	S4

Fonte: adaptado de Menezes (2011, p.202).

Desta forma, as nove IC captadas (IC-A, IC-B, IC-C, IC-D, IC-E, IC-F, IC-G, IC-H e IC-I) e apresentadas no Quadro 2, permitiram a construção dos DSC1, DSC2, DSC3, DSC4, DSC5, DSC6, DSC7, DSC8 e DSC9. A procedência das falas está representada de forma sobrescrita.

DSC1: IC-A – Realizar a cobertura (S1, S2, S4):

As coberturas são importantes porque partem do princípio da ajuda defensiva^{S2}, que permitem que no setor da bola sempre a defesa possua mais jogadores, pra sempre sobrar defensor e não atacante^{S1}. Esses deslocamentos

defensivos que tem como objetivo a ocupação de espaços para provocar os erros do adversário^{S4}.

DSC2: IC-B – Realizar a basculação (S1, S4):

A basculação aparece como um elemento que permite o fechamento do setor com o sincronismo dos jogadores^{S4}, que chegue também o bloco de defensores do outro lado senão você fecha um lado e o outro lado fica meio aberto^{S1}.

DSC3: IC-C – Priorizar regiões da quadra na especificidade dos sistemas (S1, S3):

Isolar o setor mais fraco do ataque é um aspecto essencial, pois o defensor tem que ter uma leitura do jogo e ver quais os atacantes adversários que são mais ofensivos^{S1}. Em qualquer defesa o negócio é fechar o meio, e devemos pensar “de onde é que nós vamos querer evitar o arremesso?”; “aonde nós vamos aceitar arremessos do adversário?”. Eu sempre falo que não é possível defender tudo, mas é possível levar o adversário a arremessar de uma zona menos favorecida^{S3}.

DSC4: IC-D – Realizar a marcação (S1):

Acredito que a marcação seja um elemento indispensável, então nós temos que um jogador combatente, na bola, em contato direto com o atacante que possui esta^{S1}.

DSC5: IC-E – Realizar a dobra (ou dobragem) (S2):

A dobragem aparece como um meio importante, pois eu gosto de fazer o 2x1 e tenho jogadoras empenhadas que me ajudam muito a consolidar essa tarefa^{S2}.

DSC6: IC-F – Realizar o deslizamento (S2):

O deslizamento aparece como algo interessante quando a gente marca alto. A gente tem que ter essa noção muito forte, seja no 3:3 ou mesmo no 5:1 quando pode acontecer^{S2}.

DSC7: IC-G – Realizar o contrabloqueio (S2):

Apesar de a gente não utilizar defesas altas nos jogos mais parelhos, o contrabloqueio é um elemento que acaba aparecendo^{S2}.

DSC8: IC-H – Variabilidade defensiva (S4):

Uma coisa que eu acho importante é a variabilidade defensiva, independente do sistema ou da ação tática que você está utilizando. Na técnica individual o jogador ter essa liberdade, essa

variabilidade, para eventualmente ele tirar o passe do jogador, ele antecipar eventualmente, ele tentar realizar sua ação de forma diferente^{S4}.

DSC9: IC-I – Realizar a troca de marcação (S4):

Tem também a troca de marcação, que o defensor deve saber: “até onde eu marco?”; “como vai ser feita essa troca?”. Ele tem que saber ainda com quem e quando ele vai fazer a troca^{S4}.

DISCUSSÕES

Ações táticas individuais e eficácia defensiva

Quando os treinadores são indagados sobre as ações individuais relacionadas com a eficácia defensiva é apontada a importância de elementos técnico-táticos individuais como a flutuação e a cobertura, com ênfase especial ao conceito de ajudas mútuas que, na concepção desses, constitui-se na essência do jogo coletivo defensivo. A flutuação é apontada por esses como um elemento que atribui uma característica ofensiva ao comportamento dos defensores, por sinalizar a antecipação das ações dos atacantes. A partir da flutuação de um defensor os treinadores justificam a cobertura, devido à ocupação dos espaços e, ao mesmo tempo, para dar mais segurança ao jogador que flutua. Sendo assim, observou-se que na visão dos treinadores a célula inicial e central do jogo defensivo constitui no controle da situação 1x1, na qual a cobertura aparece como um elemento imprescindível para dificultar a produção de espaços pelos atacantes, mediante a flutuação de um companheiro.

Para os treinadores a cobertura é vista como uma atitude solidária que traz aos defensores confiança coletiva, ou coesão grupal, em determinado setor da quadra. Também está relacionada com a eficácia do sistema defensivo a partir da aplicação do princípio da ajuda mútua, importante para fechar os espaços produzidos e dificultar o desenvolvimento do jogo ofensivo, seja este a partir de situações individuais (como as fintas bem sucedidas) ou mesmo da execução dos elementos técnico-táticos coletivos.

A cobertura é entendida por Bayer (1987) como a aplicação do conceito de ajudas mútuas defensivas (que implica em colaboração) no qual um defensor, ao perceber que seu companheiro deixou momentaneamente seu posto específico para aproximar-se de um atacante em posse da bola, protege a zona específica na qual a bola se encontra, de forma a respaldá-lo (ANTÓN GARCÍA, 2002). O objetivo é o de aumentar o número de defensores próximos à zona da bola para dificultar as possibilidades de arremessos e encadeamentos das ações ofensivas, além de criar possíveis situações de igualdade numérica ou mesmo de superioridade numérica defensiva (ANTÓN GARCÍA, 2002).

Este elemento técnico-tático individual não é trivial e, sequer, manifestado espontaneamente, pois os atacantes apresentam condições vantajosas em relação aos defensores que devem atuar em detrimento da posição da bola (BAYER, 1987). Por isso, a cobertura geralmente é feita na região onde há risco iminente de penetração nos espaços criados tanto em largura como em profundidade (MENEZES, 2011).

Juntamente com a cobertura os treinadores apontam a importância das flutuações para distanciar o atacante em posse da bola da zona a ser protegida, principalmente frente à possibilidade de arremessos dos armadores ou mesmo na tentativa de reduzir a velocidade da circulação de bola. A flutuação consiste na aproximação do defensor em relação ao seu marcador direto quando em posse da bola (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999) com o objetivo de limitar seu raio de ação. Desta forma, há a tentativa de forçar o atacante a desenvolver suas ações frente a uma situação de pressão espaço-temporal a partir da ocupação antecipada dos espaços e redução da zona de ação do atacante (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999; MENEZES, 2011). Os defensores devem atuar em detrimento das características dos atacantes, buscando tornar essa relação de oposição vantajosa para todo o sistema sendo que, diante de atacantes que possuam boa capacidade de arremessos de longa distância, as flutuações sejam desenvolvidas em maior profundidade.

A combinação entre a flutuação de um defensor e a cobertura dos seus companheiros (vizinhos) tem a premissa de proteger o setor no qual a bola se encontra e, ao mesmo tempo, de

buscar a superioridade numérica nesse setor. Para Almeida e Dechechi (2012) e Fernández Romero et al. (1999) esta situação de execução simultânea desses elementos técnico-táticos defensivos individuais é denominada de triângulo defensivo.

Os treinadores aludem também à marcação em suas diferentes manifestações (como em proximidade ou à distância) para contemplar o princípio operacional defensivo de evitar a progressão dos atacantes (BAYER, 1994). A marcação é vista pelos treinadores como de fundamental importância pela possibilidade de manter o controle do adversário com e sem a bola, sendo a situação de 1x1 priorizada nesta perspectiva. A marcação se refere à atitude do defensor em relação ao seu marcador direto ou indireto na tentativa de obter êxito (MENEZES, 2011) e sua execução pode ser dada, inicialmente, à distância ou em proximidade.

A marcação à distância se refere ao controle visual do atacante com ou sem a posse da bola pelo defensor implicando na prontidão defensiva para antecipar possíveis ações ofensivas individuais e coletivas (OLIVER CORONADO; SOSA GONZÁLEZ, 1996; ANTÚNEZ MEDINA; UREÑA ORTÍN, 2002). Neste tipo de marcação não se busca o contato direto do defensor com seu oponente, apenas se este oferecer risco iminente de gol.

Já a marcação em proximidade tem o objetivo de dificultar que o atacante sem a posse da bola a receba (OLIVER CORONADO; SOSA GONZÁLEZ, 1996) ou, ainda, impedir as ações do atacante que se encontra próximo ao defensor com ou sem a bola (ANTÚNEZ MEDINA; UREÑA ORTÍN, 2002). Neste tipo de marcação há a busca constante pelo contato corporal com o oponente direto para interferir diretamente nas ações do atacante, como os passes, os arremessos e as progressões (MENEZES, 2011).

A manutenção do posto específico é outra preocupação apontada pelos treinadores, que está relacionada com a responsabilidade de cada defensor em empregar os elementos técnico-táticos em um raio de aproximadamente 2 metros do seu posto. Cada jogador deve compreender suas atribuições táticas e, ao mesmo tempo, dificultar o jogo ofensivo na região do seu posto específico. Para Antón García (2002) os defensores devem atuar em regiões limitadas que

proporciona a manutenção da distribuição dos jogadores no sistema defensivo e, ao mesmo tempo, aponta a necessidade de conservar os postos específicos. A conservação dos postos específicos pelos defensores evita deslocamentos amplos que facilitaríamos a produção de espaços para o desenvolvimento das ações dos atacantes (MENEZES, 2011).

A dissuasão, outro elemento reportado pelos treinadores, é apontada como relevante porque, além de possibilitar defender de forma mais ofensiva, também objetiva perturbar o ritmo ofensivo com a diminuição da velocidade dos atacantes e com a interceptação do passe. Essa premissa é justificável, uma vez que trata de perturbar a linha de comunicação entre dois jogadores a partir da aproximação em relação ao potencial receptor da bola, contemplando o princípio operacional defensivo de recuperar a posse da bola (BAYER, 1994).

A dissuasão tem características funcionais semelhantes à flutuação, porém é realizada pelo defensor que marca um atacante sem a posse da bola e que seja um receptor em potencial desta. A premissa da dissuasão funda-se em perturbar ou atrasar a circulação da bola, provocando dúvidas ao passador e mostrando a este que se há a intenção em recuperar a posse da bola, o que dificulta a orientação do jogo ofensivo para regiões nas quais a defesa seja menos eficaz (BAYER, 1987). Preconiza-se, portanto, defender a partir das possíveis trajetórias da bola e não apenas baseando-se nas trajetórias dos atacantes (MENEZES, 2011).

Outro apontamento interessante revelado nos discursos se refere à necessidade dos defensores se deslocarem rapidamente para que possam ocupar os espaços da quadra no menor tempo possível. Os treinadores citam ainda que os defensores devem estar sempre em estado de prontidão e que seus deslocamentos devam ocorrer, preferencialmente, a partir da posição ântero-posterior dos pés, em detrimento do posicionamento com os pés paralelos (que na visão desses torna os deslocamentos mais lentos).

A necessidade dos deslocamentos velozes para o êxito defensivo é evidente, principalmente diante das altas velocidades de circulação da bola e dos jogadores impostas pela equipe adversária. Desta forma, os deslocamentos se caracterizam como um elemento técnico-tático defensivo

individual (OLIVER CORONADO; SOSA GONZÁLEZ, 1996) imprescindível para a execução dos demais elementos defensivos (MENEZES, 2011). Destaca-se também que além de boa velocidade dos deslocamentos é importante que sejam considerados aspectos como as mudanças de ritmo e de sentido desses.

É citada pelos treinadores a importância da basculação como elemento técnico-tático individual, justificada pelos deslocamentos dos defensores no sentido da bola quando utilizado o sistema defensivo 6:0. Porém, a basculação é caracterizada como um elemento técnico-tático defensivo coletivo manifestado a partir dos deslocamentos laterais dos defensores em função da posição da bola e dos atacantes, de forma que seja possível a obtenção de superioridade numérica defensiva na zona na qual a bola se encontra (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999; ANTÓN GARCÍA, 2002). A superioridade numérica defensiva é alcançada a partir da aglomeração dos defensores na região da bola para dificultar a produção de espaços pelos atacantes (ANTÓN GARCÍA, 2002).

Para tanto, os objetivos da basculação estão relacionados com a possibilidade de impedir que os atacantes penetrem no sistema defensivo ou mesmo aproximem-se da linha de seis metros, bem como evitar os espaços livres na zona na qual a bola está e impedir penetrações e progressões (OLIVER CORONADO; SOSA GONZÁLEZ, 1996; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999; ANTÓN GARCÍA, 2002). O movimento de basculação pode ser realizado por qualquer sistema defensivo zonal ou misto, porém é mais utilizado frente a ataques que se caracterizam pelas tentativas de penetrações sucessivas quando comparados com equipes que se caracterizam pelos arremessos de longas distâncias (MENEZES, 2011).

A troca de marcação, também apontada pelos treinadores como um elemento defensivo relevante, é apresentada como uma solução para que os defensores não permitam a produção de espaços pelos atacantes mediante as ações de bloqueios (executados principalmente pelos pivôs). Este elemento técnico-tático defensivo coletivo (e não individual, como apontado pelos treinadores) consiste na atuação dos defensores para controlar dois atacantes que trocaram de posição (entre si) sem que haja uma ruptura com a estrutura espacial de organização dos

defensores que produza superioridade numérica ofensiva (GARCÍA CUESTA, 1991; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999; ANTÓN GARCÍA, 2002). Este elemento técnico-tático defensivo coletivo preconiza, a partir da organização coletiva defensiva, a atuação equilibrada e econômica dos defensores em cada posto específico, que apenas deve ser abandonado mediante perigo iminente de gol (GARCÍA CUESTA, 1991).

A opção pela troca de marcação se dá diante da execução de um cruzamento entre dois atacantes, de trocas de postos específicos ofensivos, do deslocamento de um atacante que ocupa temporariamente o posto específico vizinho ou do abandono do posto específico por um dos atacantes (GARCÍA CUESTA, 1991; OLIVER CORONADO; SOSA GONZÁLEZ, 1996; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999). Assim, os defensores devem desenvolver suas ações no respectivo posto específico trocando as responsabilidades da relação 1x1 com os defensores vizinhos (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999; ANTÓN GARCÍA, 2002). Se os defensores acompanhassem os deslocamentos dos atacantes possivelmente haveria a produção de grandes espaços no sistema defensivo (MENEZES, 2011), destacando a importância da troca de marcação (principalmente por defensores próximos) para diminuir a vulnerabilidade do sistema defensivo (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999; GARCÍA CUESTA, 1991).

A adaptação prévia aos adversários também é um aspecto apontado pelos treinadores, com a premissa de identificar as principais características do jogo individual e coletivo desses e selecionar as estratégias a serem adotadas para a partida. A seleção das estratégias passa a constituir uma parte importante das sessões de treinamento com o intuito de preparar os comportamentos individuais e coletivos da equipe para as especificidades dos adversários.

Este apontamento merece algumas considerações, sendo que a primeira delas reside no fato de não se constituir como um elemento técnico-tático individual. A segunda consideração se refere à possibilidade dessa proposta, que é viável a partir do instante em que o adversário é conhecido, permitindo uma análise prévia das suas características. Ao mesmo tempo, a equipe adversária pode buscar o

desenvolvimento de estratégias diferentes para surpreender durante o embate. Ainda assim ambas as equipes disputam a bola e os espaços comuns da quadra, o que demanda a aplicação de soluções táticas que permitam a adaptação rápida ao contexto do jogo (GRECO, 2001) e, desta forma, aumentem a complexidade desse cenário a partir da imprevisibilidade das ações (GARGANTA, 1998; MENEZES, 2012).

Os bloqueios defensivos também são citados pelos treinadores, que consideram esta ação relevante em situações nas quais seu sistema defensivo é posicionado com jogadores em apenas uma linha (6:0). Este elemento técnico-tático defensivo individual se caracteriza pela tentativa dos defensores impedirem, com o corpo ou com os braços, que a bola chegue até o gol após um arremesso (OLIVER CORONADO; SOSA GONZÁLEZ, 1996; ANTÓN GARCÍA, 2002). Podem ser observados em duas situações: a) como último recurso defensivo, caso os defensores não consigam impedir o atacante de arremessar; b) como tática coletiva defensiva da equipe que prioriza a basculação, como ocorre diante do sistema defensivo 6:0 que atua em bloco (e não em linha de arremesso) (MENEZES, 2011).

Ações táticas coletivas e eficácia defensiva

São apontados pelos treinadores como elementos coletivos a cobertura e a marcação, assim como mencionado por esses quando se referiram aos elementos individuais. A relevância da utilização de ambas se revela pela tentativa de dificultar as ações de cada atacante, de atrasar o encadeamento das ações desses e, ainda, de buscar situações favoráveis na região da bola (como a superioridade numérica defensiva) a partir do conceito de ajudas mútuas. É indiscutível a importância de ambas para o bom funcionamento dos sistemas defensivos, porém essas são classificadas como elementos técnico-táticos defensivos individuais e não como movimentações ou combinações coletivas (MENEZES, 2011). Ambas podem ser combinadas conforme apresentado anteriormente em relação à formação do triângulo defensivo (ALMEIDA; DECHECHI, 2012; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999), porém não descaracteriza o caráter individual de cada elemento.

A basculação é apontada pelos treinadores como um importante aspecto defensivo coletivo que permite fechar setores a partir do sincronismo dos defensores. Percebe-se, a partir dos discursos, que a basculação está inserida acertadamente em um contexto de continuidade defensiva, manifestada na necessidade de ocupar diferentes setores da quadra. Este elemento técnico-tático defensivo coletivo é importante para os sistemas defensivos pela possibilidade de aumentar a densidade de defensores no setor no qual a bola se encontra, dificultando a produção de espaços pelos atacantes. Para que a basculação seja eficaz, exige-se dos defensores uma capacidade de deslocarem-se rapidamente e de mudar de direção quando os atacantes trocam o sentido de circulação da bola ou dos jogadores.

A prioridade dada às regiões da quadra de acordo com o sistema defensivo adotado é um componente recorrente pelos treinadores a partir da leitura dos defensores em relação ao panorama defensivo adversário. A prioridade dos sistemas defensivos, segundo esses, se refere à proteção ao setor central da quadra e, ainda, em estabelecer diretrizes em relação aos setores nos quais os defensores dificultarão o arremesso (devido ao risco defensivo) em detrimento de permitir arremessos de setores nos quais o sistema defensivo é mais eficaz.

Cada sistema defensivo possui regiões ou setores priorizados e, ao mesmo tempo, apresenta aos atacantes outras possibilidades, para as quais a vulnerabilidade defensiva é maior (BOTA; PEREIRA, 2003). A exemplo, o sistema defensivo 6:0 em basculação (considerado uma defesa fechada) (GUTIÉRREZ AGUILAR; FÉREZ RUBIO, 2009) tem como premissas dificultar o jogo com o pivô, assim como dificultar as infiltrações dos armadores e os arremessos dos pontas, contudo é mais vulnerável aos arremessos de longas distâncias (MELENDEZ-FALKOWSKI; ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, 1988; SIMÕES, 2002). Em contrapartida, o sistema defensivo 3:3 (considerado uma defesa aberta) (GUTIÉRREZ AGUILAR; FÉREZ RUBIO, 2009) é estruturado no sentido de dificultar os arremessos de longas distâncias, de diminuir a velocidade dos passes e dos espaços para os armadores adversários; porém possibilita maiores espaços para o jogo com os pontas e com o pivô (MELENDEZ-FALKOWSKI; ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ,

1988; SIMÕES, 2002). Nesta perspectiva os defensores devem compreender as particularidades dos seus postos específicos, assim como as vulnerabilidades e potencialidades de cada sistema defensivo.

A dobra também é citada pelos treinadores como um importante elemento técnico-tático defensivo, por considerarem importante o trabalho de dois defensores contra um atacante (para impedirem suas ações) em determinadas situações do jogo. Para isso, segundo eles, é necessário um grande empenho dos jogadores por se tratar de uma ação que necessita de precisão em sua execução nos planos espacial e temporal, para que não sejam produzidos espaços interessantes aos atacantes.

Este elemento técnico-tático defensivo coletivo tem como premissa evitar a progressão de um atacante em posse de bola por um defensor que não seja seu oponente direto, uma vez que este tenha sido superado (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999). Consiste, portanto, na continuidade da ação de cobertura na qual a ajuda entre os defensores seja promovida de maneira ativa e real a partir da aproximação, acompanhamento e contato físico com o atacante, pelo fato da defesa apresentar inferioridade numérica nesse instante (ANTÓN GARCÍA, 2002; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999). Desta forma, o defensor busca ocupar o espaço produzido para a penetração do atacante em posse da bola e, ao mesmo tempo, marcar este atacante em proximidade (ANTÓN GARCÍA, 2002).

Os treinadores apontam também a importância dos deslizamentos, elemento empregado principalmente quando são adotados sistemas defensivos em duas linhas, como o 3:3 e o 5:1, e se relacionam com as ações dos atacantes que buscam a produção de espaços efetivos. No discurso dos treinadores fica evidente que os deslizamentos devem ser empregados para que haja a manutenção das estruturas básicas do sistema, permitindo melhor posicionamento e maiores possibilidades de intervenções eficazes frente aos atacantes.

O deslizamento é caracterizado pelo deslocamento de um defensor por trás do companheiro (o que sugere uma atuação escalonada dos defensores) mediante cruzamento ou troca de postos específicos entre os atacantes, permanecendo cada um com seu marcador

original, com o objetivo de evitar a superioridade numérica ofensiva (GARCÍA CUESTA, 1991; OLIVER CORONADO; SOSA GONZÁLEZ, 1996; FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999; ANTÓN GARCÍA, 2002).

Se nas trocas de marcação os defensores devem estar na mesma linha, no deslizamento os defensores estão em linhas distintas (independentemente do sistema defensivo adotado) (OLIVER CORONADO; SOSA GONZÁLEZ, 1996) o que dificulta a comunicação entre eles e uma possível troca (MENEZES, 2011). O objetivo do deslizamento, então, é evitar que um atacante esteja livre mediante trocas de postos específicos ofensivos, cruzamentos ou deslocamentos amplos em condições de receber a bola e oferecer uma situação de risco à defesa (MENEZES, 2011).

Segundo os treinadores, o contrabloqueio também é um importante elemento defensivo coletivo empregado para o bom desempenho da equipe durante essa fase do jogo. Este elemento geralmente é utilizado por sistemas defensivos que atuam em duas linhas, mas pode ser empregado, na visão dos treinadores, no sistema defensivo 6:0 (o qual possui apenas uma linha defensiva). O contrabloqueio é uma movimentação defensiva em resposta a uma tentativa de bloqueio ofensivo (GARCÍA CUESTA, 1991; OLIVER CORONADO; SOSA GONZÁLEZ, 1996), na qual um atacante realiza um bloqueio em um defensor e, como resposta, outro defensor executa um bloqueio nesse atacante. Trata-se, portanto, de uma troca de marcação entre os defensores dada em resposta a uma ação ofensiva de bloqueio (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999), cujo objetivo é dificultar a continuidade do jogo ofensivo especificamente nas situações derivadas dos bloqueios (executados principalmente pelo pivô) para a infiltração do atacante em posse da bola ou para a continuidade do jogo ofensivo com o pivô (MENEZES, 2011). Outros fatores estão relacionados com a execução dos contrabloqueios, tais como manter a situação de igualdade numérica e dificultar a utilização do jogo de bloqueios por parte dos atacantes (FERNÁNDEZ ROMERO et al., 1999; ANTÓN GARCÍA, 2002).

A troca de marcação, apontada pelos treinadores como outro elemento relevante para a eficácia defensiva, é tida como a compreensão

do defensor dos seus limites de atuação, ou seja, o defensor deve saber até qual região ele é responsável por manter a marcação de determinado jogador. Ao mesmo tempo há a necessidade de uma compreensão coletiva dessas responsabilidades, uma vez que terão a colaboração dos defensores que atuam em postos específicos vizinhos. Evidencia-se, a partir dos discursos, que há o intuito de minimizar os espaços produzidos pelas ações dos atacantes, pela atuação dos defensores para controlar dois atacantes que trocaram entre si de postos específicos sem que para isso seja necessária uma mudança de sistema defensivo (GARCÍA CUESTA, 1991).

Aspectos gerais das táticas individuais e coletivas

Segundo os discursos dos treinadores as principais exigências relacionadas no plano individual para que haja êxito defensivo centram-se nos aspectos referentes à manutenção, de uma forma geral, das responsabilidades dos defensores com seus respectivos marcadores diretos, da marcação efetiva dos atacantes (em posse ou não da bola) e da realização da cobertura pelos demais companheiros.

Quando indagados sobre os principais elementos individuais, os treinadores mencionaram seis elementos técnico-táticos defensivos individuais (deslocamentos, cobertura, marcação, flutuação, dissuasão e bloqueio defensivo), dois elementos técnico-táticos defensivos coletivos (basculação e troca de marcação) e dois elementos de estruturação estratégico-tática defensiva (manutenção do posto específico e adaptação prévia aos adversários).

Em relação às exigências referentes ao plano das movimentações e combinações coletivas os treinadores indicam que, prioritariamente, deve-se jogar de acordo com as características dos atacantes, tendo como princípio dificultar o jogo do setor ofensivo mais forte e ainda dificultar os arremessos e o jogo na região central da quadra (constante alvo das trajetórias e progressões dos atacantes). Sobretudo, quando indagados sobre os principais elementos coletivos (como as movimentações e combinações), foram mencionados cinco elementos técnico-táticos coletivos (basculação, dobra, deslizamento, contrabloqueio e troca de

marcação), dois elementos técnico-táticos individuais (cobertura e marcação) e dois elementos de estruturação estratégico-tática defensiva (priorizar as regiões da quadra e variabilidade defensiva).

A alusão ao emprego dos elementos técnico-táticos defensivos coletivos como o deslizamento, a dobragem, a basculação, o contrabloqueio e a troca de marcação apontam a tendência dos treinadores em priorizar a manutenção da coesão do sistema defensivo, colocado de forma estruturada e constante, com atenção direta aos princípios defensivos que culminam em evitar o gol (BAYER, 1994).

É importante apontar que as variáveis apresentadas pelos treinadores corroboram os achados descritos na literatura. Porém, quando o questionamento se refere aos elementos individuais são mencionados elementos caracterizados como coletivos e de estruturação do jogo defensivo que, embora estejam relacionados com o êxito defensivo, não constituem a categoria em questão. De forma semelhante aos elementos individuais, quando o questionamento se referiu aos elementos coletivos (como as movimentações e combinações), também foram mencionados elementos individuais e de estruturação do jogo defensivo que não constituem tal categorização.

Ficou evidente, a partir dos discursos dos treinadores, que há um bom domínio dos elementos técnico-táticos defensivos individuais e coletivos, o que se reflete diretamente na aplicabilidade dos mesmos durante as sessões de treinamento e em situações competitivas específicas. A especificidade da utilização de alguns desses elementos reforça a complexidade do cenário técnico-tático do jogo, no qual o comportamento dos defensores está diretamente relacionado com as exigências impostas pelo jogo ofensivo.

A escolha do sistema, então, está atrelada aos indicadores do jogo ofensivo adversário como, por exemplo, caso a equipe apresente um grande potencial para arremessos de longa e média distâncias adota-se um sistema defensivo em duas ou três linhas, ou mesmo um sistema em apenas uma linha defensiva, que priorize a execução de elementos como a flutuação e a cobertura. Em contrapartida, se as potencialidades concentram-se nos jogadores da segunda linha ofensiva (pontas e pivô) e nas

tentativas de penetrações dos armadores, adota-se um sistema defensivo que minimize essas possibilidades, no qual a ênfase poderá ser dada a elementos específicos individuais (como a cobertura e a dissuasão) e coletivos (como a basculação, a troca de marcação e a dobra).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade do cenário técnico-tático no handebol, determinado a partir das relações de cooperação e oposição entre os jogadores, demanda desses diferentes comportamentos técnico-táticos que estão atrelados à situação da bola e à ocupação de espaços efetivos. Nessa relação, os defensores apresentam ligeira desvantagem inicial, pelo fato de terem que apresentar uma resposta às ações ofensivas (que, em tese, podem ser programadas previamente). Porém, espera-se que, a partir do momento em que esses conhecem as possibilidades defensivas, as consiga empregar de forma eficaz nas situações do jogo, diante das diferentes exigências impostas pelo jogo ofensivo adversário.

Ouvir os treinadores, como proposto nesta pesquisa, se torna um aspecto essencial na compreensão do handebol, uma vez que a concepção estratégico-tática da equipe não dependa apenas das características dos defensores, mas na forma que o treinador compreende e concebe a dinâmica do jogo. O instrumento de entrevista proposto permitiu mapear os principais elementos individuais (questão 1) e as movimentações/combinações coletivas (questão 2) que esses consideram importantes para o êxito defensivo.

As informações reveladas pelos discursos dos treinadores permitem apontar, além de possíveis variáveis a serem abordadas ao longo do processo de ensino-aprendizagem-treinamento, aspectos considerados relevantes (para os defensores) diante da dinâmica do cenário apresentado para o handebol feminino.

Os elementos técnico-táticos defensivos individuais e coletivos apresentados pelos treinadores se relacionam diretamente com as possibilidades de obtenção de êxito defensivo, conforme apontado pela literatura pesquisada. Ao mesmo tempo, ambas as categorias de elementos sugerem, na visão dos treinadores, a

resolução de tarefas de forma rápida, específica e que perturbe minimamente a distribuição espacial dos jogadores, mantendo um balanço defensivo tanto em profundidade como em largura.

Entendemos que a partir da problematização desta pesquisa os resultados apontaram aspectos relevantes para subsidiar a intervenção dos treinadores no processo de ensino-aprendizagem-treinamento do handebol. As variáveis referentes à eficácia do jogo defensivo a partir da perspectiva de atuação individual e coletiva indicam possibilidades para

a organização das sessões de treinamento e, conseqüentemente, da aplicação em contexto competitivo.

Uma possível limitação desta pesquisa se refere ao fato de entrevistar treinadores que desenvolvem seus trabalhos com equipes femininas, na categoria adulta. Sendo assim, estudos futuros que busquem entender a manifestação dessas variáveis no gênero masculino e/ou em diferentes faixas etárias podem fornecer subsídios importantes para o processo de ensino-aprendizagem-treinamento do handebol em diferentes categorias.

RELATIONSHIP BETWEEN THE DEFENSIVE EFFICACY AND THE TECHNICAL-TACTICAL ELEMENTS OF HANDBALL FROM THE SPEECHES OF EXPERIENCED COACHES

ABSTRACT

The aim of this work was to identify the main handball technical-tactical defensive elements (individual and collective) related to the defensive efficacy. We interviewed four experienced coaches (average time of activity = 23.5 ± 7 years) featured on the national scene, with the application of a semi-structured interview instrument to collect these speeches. The speeches were tabulated, analyzed and interpreted based on Collective Subject Discourse (CSD) method. The individual technical-tactical defensive elements revealed by coaches as relevant for defensive efficacy were: coverage, marking, floating, dissuasion, blocking and fast displacement. The collective technical-tactical elements mentioned by coaches were: tipping facility (displacements in the same direction of ball), fold, sliding, counter blocks and exchange marking. Both categories of elements suggest solving tasks in a specific manner, while maintaining a defensive balance in depth and width.

Keywords: Sport pedagogy. Team sports. Handball.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. G.; DECHECHI, C. J. **Handebol**: conceitos e aplicações. São Paulo: Manole, 2012.

ANTÓN GARCÍA, J. L. **Balonmano**: táctica grupal defensiva. Concepto, estructura y metodología. Granada: Grupo Editorial Universitario, 2002.

ANTÚNEZ MEDINA, A.; UREÑA ORTÍN, N. **Guía didáctica de balonmano**. 1. ed. Murcia: Diego Marín Librero-Editor, 2002.

BALZANO, O. N.; LEITE, W. S. S.; SANTOS, R. Determinação da eficiência coletiva ofensiva no futsal de alto rendimento. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 6, n. 21, p. 162-168, 2014.

BÁRCENAS GONZÁLEZ, D.; ROMÁN SECO, J. D. **Balonmano**: técnica y metodología. Madrid: Gymnos Editorial, 1991.

BAYER, C. **Técnica del balonmano**: la formación del jugador. Barcelona: Editorial Hispano Europea, 1987.

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BOTA, I.; PEREIRA, A. **Modelação e preparação no andebol**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

ELLIOTT, R.; FISCHER, C.; RENNIE, D. Evolving guidelines for publication of qualitative research studies in psychology and related fields. **British Journal of Clinical Psychology**, London, v. 38, p. 215-229, 1999.

FERNÁNDEZ ROMERO, J. J.; CASAS MARTÍNEZ, L.; VILA SUÁREZ, H.; CANCELA CARRAL, J. M. **Balonmán**: manual básico. Santiago: Edicións Lea, 1999.

GARCÍA CUESTA, J. **Balonmano**. Madrid: Comitê Olímpico Espanhol, 1991.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. 3. ed. Porto: Universidade do Porto/Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1998. p. 11-26.

GRECO, P. J. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. (Ed.). **Temas atuais VI em educação física e esportes**. Belo Horizonte: Health, 2001. p. 48-72.

GUTIÉRREZ AGUILAR, O.; FÉREZ RUBIO, J. A. Cuantificación y valoración de la eficacia de los sistemas defensivos empleados en el marco situacional de igualdad numérica en los equipos de balonmano de alto nivel. **Kronos**, Madrid, v. VIII, n. 14, p. 113-116, 2009.

- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. 1. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Pesquisa de representação social**: um enfoque qualiquantitativo. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2012.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B.; MENEZES, R. P. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 583-596, 2013.
- MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B.; NUNOMURA, M.; MENEZES, R. P. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: o ponto de vista de atletas brasileiros. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 989-1015, 2014.
- MASSA, M.; UEZU, R.; BÖHME, M. T. S.; SILVA, L. R. R.; KNIJNIK, J. D. Desempenho esportivo no judô olímpico brasileiro: o talento é precoce? **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 5-10, 2010.
- MELLENDEZ-FALKOWSKI, M. M.; ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, E. **Los sistemas de juego defensivos**. Madrid: Esteban Sanz Martinez, 1988.
- MENEZES, R. P. **Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol**: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real. 2011. 302f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- MENEZES, R. P. Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 1, p. 34-41, 2012.
- MENEZES, R. P.; REIS, H. H. B. Análise do jogo de handebol como ferramenta para a sua compreensão técnico-tática. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 458-467, 2010.
- MENEZES, R. P.; MORATO, M. P.; REIS, H. H. B. Análise do jogo de handebol na perspectiva de treinadores experientes: categorias de análise ofensivas. **Revista da Educação Física/UEM**, no prelo.
- OLIVER CORONADO, J.; SOSA GONZÁLEZ, P. **La actividad física y deportiva extraescolar en los centros educativos**: Balonmano. Barcelona: Ministerio de Educación y Cultura/Consejo Superior de Deportes, 1996.
- OLIVER, D.; SEROVICH, J.; MASON, T. Constraints and opportunities with interview transcription: towards reflection in qualitative research. **Social Forces**, Oxford, v. 84, n. 2, p. 1273-1289, 2005.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SANTANA, W. C. **A visão estratégico-tática de técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal**. 2008. 260f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- SIMÕES, A. C. **Handebol defensivo**: conceitos técnicos e táticos. São Paulo: Phorte, 2002.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1.ed. São Paulo: Atlas, 1987.

Recebido em 26/08/2013

Revisado em 30/07/2014

Aceito em 27/09/2014

Endereço para correspondência: Rafael Pombo Menezes, Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. CEP: 14040-907. Av. Bandeirantes, 3900. Monte Alegre, Ribeirão Preto/SP.E-mail: rafaelpombo@usp.br